



A Saga de

Mitrax

Vivendo por um Beijo

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo



majestosa Lothar Eralda se sobressaía pelo

dossel da floresta, na sua parte mais densa. Irvine respirou fundo e fechou os olhos. Há tanto tempo estivera fora de casa, e retornar agora, nessas circunstâncias... Contemplou os enormes edifícios de madeira, com cúpulas arredondadas, suspensos do chão por arcos maciços, que partiam das cúpulas. E as construções pareciam sinos, pois estavam pendurados sob os arcos, a dezenas de metros de altura. Aquele não era um lugar para aqueles que temem a altura, afinal, era um lar para elfos. As escadarias em forma de caracol – algumas delas, com mais de dez metros de largura, rodopiavam em volta de imensas árvores. Esse era o caminho para os notus. Tais escadas se detinham no alto da copa das árvores, sendo que os edifícios foram construídos dali para cima.

Quando era criança e inconsistente – e essa era a lembrança mais forte que tinha da cidade – tinha a recordação da paisagem que se descortinava a partir da sacada mor do palácio do pai que permitia a visão de um sem número de cúpulas arredondadas, de cor de madeira clara, até que a vista não mais alcançasse. Às vezes voava sobre a cidade, observando o que as pessoas faziam e, vez ou outra, não avisava que ia sair, deixando o Rei Bhorgus extremamente irado. Mas ele nunca lhe bateu. Mimi, a criada brehellai, lhe dissera que era por causa da mãe. Dissera que Irvine era a cara da mãe e ele não tinha coragem de lhe punir quando fazia traquinagens. Sentia falta de uma mãe porque... bem, praticamente não a conhecera!

Mas o que mais gostava de observar, a partir da sacada, eram os dragões. Um dia perguntara a Mordarion quando poderia ter um somente para ela. “Quando tiveres juízo!”, respondera ele, pressionando o seu nariz de menina bóreas. Ela gostava de Mordarion, mas sabia que ele tinha inveja do irmão. Eles brigavam muito, e Irvine não gostava daquilo. Mas... quando tivesse um dragão – pensava naquela época – iria enfeitá-lo com tantas fitas coloridas, como faziam os antigos, que ganharia o Festival de Istwa.

Caminhando pela estrada principal, na fase notus, com a aljava nas costas, Irvine sorriu. Mas, logo ficou triste novamente, pois pensou no pai. Ele havia, pessoalmente, escrito o bilhete que recebera das mãos de Mordarion. Então, tivera que vir, aproveitando para abrir mão daquilo que mais queria na vida.

Quando chegou em casa, foi recebida com festa por parte dos criados. Mimi disse que, sem ela ali, o palácio ficara triste e que agora a alegria retornara. Mas, naquela mesma

noite, com todos os irmãos reunidos, foram ouvir o que o pai tinha a lhes dizer. O rei Bhorgus estava afundado na cama, com uma aparência que chocou Irvine. Ele havia piorado muito desde a sua partida. Seus olhos estavam fundos e escuros e sua pele, extremamente enrugada e pálida.

Mas, a despeito disso, nesse dia, ele estava mais disposto do que os últimos dias lhe permitiram. Talvez um último esforço para instruir os filhos. Muitas coisas disse o rei naquele momento, mas o principal foi:

-Feliz eu sou por ser pai de tão invejáveis filhos. Fui abençoado pelos ventos.

Os quatro estavam ao redor da cama. Ítria, a mais velha, estava ao lado da cabeceira, fazendo-lhe carinho na fronte. Diziam que era feiticeira, pois nunca se interessara pela política, somente pela religião. E era perita com ervas também. O povo jurava que ela tinha o dom da profecia. Era muito mais velha que Irvine, talvez uns duzentos anos, mas ainda era bela. A idade não se lhe via pela cor dos cabelos ou pelas rugas, que ainda inexistiam, mas pela profundidade do olhar.

Ao lado dela estava Albion, o segundo mais velho. Forte como um touro, mas não exageradamente musculoso. Bonitão. Todas as elfas se apaixonam por ele quando o vêem. Seus longos cabelos brancos como a neve... Ele é o herói da nação élfica. Corajoso. Na tomada de Piramar, enfrentou a rainha salamândrica cara a cara. Irvine não se lembrava mais o nome dela. Dizem que ela se inflamou, mas ele não deixou que ela projetasse as chamas porque, cheio de coragem, se jogou em direção a ela, com as suas cimitarras na mão e cortou-a em pedaços, sem se importar com as chamas. É claro que ele estava de armadura mas, até hoje, tinha as marcas das queimaduras, especialmente no peito, que Irvine, agora, entrevia pelo decote da sua camisa.

Do outro lado da cama estava Mordarion. Ele era bem mais esguio e inteligente que Albion. Sempre, parecia a Irvine, estava tentando provar o seu valor para o pai. Ela achava que o pai reconhecia isso, mas Mordarion nunca parecia satisfeito. Mas ele era legal. Deixava ela montar o seu dragão. Albion, embora tratasse a todos com amizade, acabava passando um pouco de arrogância.

Mas o rei continuou:

-Em breve, o kaikias me levará... – falava pausadamente, recobrando o fôlego, embora sorrisse. – Albion me sucederá e sobre sua fronte usará minha coroa, pois Ítria renunciou ao trono, preferindo amparar o povo exercendo os seus votos de nalaidê... Mas tu, Mordarion, também deverás ser rei... Governarás em Sepitha.

-Mas, pai – protestou Mordarion, - poderei servir fielmente ao rei Albion. Jurar-lhe-ei fidelidade!

-Não, meu filho... – respondeu Bhorgus, um pouco triste. – As nações élficas estão divididas... e um elfo não deve derramar sangue verde... A Grande Muralha está sendo construída, separando Karnevion em dois. Mordarion deverá seguir com os dissidentes para a Mesovíngia... já está tudo acertado com os clãs... e lá reinará

-Mas, pai... – objetaram os irmãos.

O rei, então, procurou-se apumar na cama, como a tentar impor um pouco de autoridade.

-Não estou falando como pai, mas como rei! – gritou ele, zangado. Depois, teve um ataque de tosse. Quando essa cessou, continuou:

-Prometei-me, rei Albion e rei Mordarion, que jamais haverá guerra entre os elfos!

Os irmãos se entreolharam e um miríade de sentimentos e idéias transpareceu em seus olhos. Idéias contraditórias e iminentes. Mas ambos juraram. Primeiro Albion, depois Mordarion.

-Muito bem... - disse o rei. Depois olhou ternamente para Irvine, que estava aos pés da cama, olhando-o assustada. Ele sorriu e completou:

-E tu, minha querida filhinha...

Irvine, ao ouvir o pai falar assim, sentiu vontade de chorar e quase se transformou numa zéphyra. Mas se controlou. Não queria passar essa vergonha na frente do pai. Afinal, ela já era uma moça formada.

-...deverás partir para o ocidente com Mordarion e ajudar-lhe no que for necessário na construção da Cidade dos Ventos... mas não permaneças lá... Deves procurar Axtre, a feiticeira, e ajudá-la na proteção do Vale Sagrado. E sozinha!

É claro que essa fala surpreendeu a elfa. Assim, ela não sabia o que dizer. Apenas ficou olhando para o pai, incrédula. Ele parecia ter lhe dado uma missão de muita responsabilidade, pois o Vale era a coisa mais sagrada de todas para os elfos. E depois... ela não havia passado ainda pelo ingewê. Então, não poderia ser considerada ainda nem mesmo uma adulta!

-Pai, eu não sei se dou conta... – acabou balbuciando.

Mas o rei, que ainda sorria para ela, respondeu:

-Não tenho dúvidas que consegues. Não tenho dúvidas que és a mais adequada para isso!

Então o rei quis ficar sozinho, pois já não se sentia bem. Em respeito, os filhos saíram e, dali a três dias, veio a falecer. O seu corpo, envolto num manto de folhas, foi içado até o alto da Torre dos Espíritos, a trezentos e cinqüenta metros do solo. Lá, foi depositado sobre a laje destinada aos reis, para que os ventos espalhassem as partículas do seu corpo sem vida, para os quatro cantos do mundo, conforme fosse se desfazendo.

Houve o período de luto, no qual os elfos se mantiveram quietos. E, depois, Albion foi coroado, não mais como o soberano absoluto de toda a nação élfica, mas apenas como rei de Surkarnevion. Na mesma cerimônia, Mordarion foi sagrado Rei de Karnevion Ocidental. E, então, um mês após a morte do rei, em 18 de dezembro de 22 EGRR, uma grande caravana

partiu para o oeste, constituída pelos clãs dissidentes, daqueles que acreditavam que o poder das denassês era superior aos dos reis. A caravana foi liderada pelo Rei Mordarion e Irvine os acompanhou.

Acompanhou com o coração constrangido. Sentia um aperto no peito oriundo de tão complexos pensamentos e sentimentos, que nem mesmo ela compreendia direito. Em primeiro lugar, seu amado pai acabara de falecer. Mas Bhorgus tivera uma longa vida e uma morte natural. Ultrapassara os oitocentos anos. O neto de Athlon tivera um reinado de sucesso, pois contivera as salamandras durante séculos, mantendo as fronteiras das florestas karnevianas, a despeito do enfraquecimento do cristal verde.

Porém, a dor e a saudade oriundas da morte do pai não era tudo e Irvine, no fundo, sabia que não era o principal. Estava indo para oeste para viver longe de casa. Mas mesmo isso não lhe aborrecia. O fato é que estava indo para oeste, a direção oposta onde ele estava. Sentia-se de costas para o seu grande amor, dando, definitivamente, adeus a ele.

Lá, atrás de si, enfurnado nos vilarejos de Barratas, a mais de quinhentos quilômetros de distância, estava o rei dos seus sonhos. Um sonho impossível, na verdade, mas que lhe proporcionara uma recordação eterna.

Há muitas coisas que Irvine havia esquecido nos seus quase cem anos de existência. O rosto da mãe, por exemplo. E havia muitas recordações, também, que perdera ao longo do tempo. Algumas que se lembrava parcialmente, outras – quais seriam? – que nem mesmo tinha vaga idéia. Mas o rosto dele... cada detalhe de seu corpo naquela armadura e, principalmente, da sensação cálida dos seus lábios comprimidos aos seus... Aquele gosto, aquele cheiro, o ritmo do seu respirar... o roçar da sua barba... jamais os esqueceria. Lembrar-se-ia por séculos e séculos de cada detalhe, de cada microssegundo daquele momento em que ela roubou um beijo do rei... e depois disse-lhe adeus.

Sim, estava indo para o oeste, distanciando-se definitivamente do seu amor. Contudo, levava-lhe essa lembrança. De todas as bagagens que levava consigo, na verdade, esse era o único item.

A caravana era constituída por quase um milhão de elfos de todas as fases. Os acompanhavam carroças, dragões verdes, galinhas, felinos, utubracs, brehellais e até humanos. Na maior parte do tempo, Irvine caminhava silenciosamente, a alguma distância dos demais. Falava raramente com Mordarion, mas, freqüentemente estava triste, com o coração comprimido, e esse era o sentimento que a maioria deles experimentava. Às vezes, na fase bóreas, sobrevoava o grupo e divisava a floresta em torno da estrada, mas não ficava muito tempo nessa forma, pois, acometida de tristeza, voltava à fase notus, ou pior: à fase zephyros, quando se punha a chorar, baixinho, enfurnada no fundo de alguma carroça.

Como o ritmo era lento, foi apenas alguns dias antes do final do ano que atravessaram o canteiro de obras da Grande Muralha. O cenário que Irvine presenciou, enquanto caminhava estupefada, era impressionante. A primeira coisa que viu foi um comboio de glimurdrons atados em correntes e orientados por gigantes que arrastavam uma grande quantidade de árvores, arrancando-as do chão, para abrir espaço através floresta, por onde

deveria passar a muralha. Tal cena constrangeu os elfos sobremaneira. Alguns até se revoltaram e quiseram sacar as suas cimitarras e aljavas, mas o rei Mordarion lhes advertiu que já sabiam que uma pequena parte da floresta devia dar lugar à Muralha, segundo a determinação do finado rei Bhorgus.

Então, caminharam um pouco mais pela estrada que, naquele trecho virava para o norte. Foi quando viram a parte da Muralha que já estava parcialmente construída. Havia grande contingente trabalhando ali. Humanos, gigantes, trolls, gnomos... Esses últimos poliam os blocos de pedra, cada um deles com uma tonelada. Outros poliam os blocos de um dos extremos da Muralha, onde se configurava uma espécie de rampa. Duplas de trolls cinzentos erguiam os blocos e os depositavam sobre uma plataforma de pedra, situada na base da rampa. Então, surpreendentemente, cada bloco colocado ali subia a rampa sozinho, conduzido por alguma espécie de mágica.

Irvine olhou à sua volta, à procura de algum mago. De fato viu alguém que parecia um mago, pois vestia-se de forma parecida com Sirius e Meissa, mas não o conhecia. Parecia ser muito jovem. Mão não pôde apreciá-lo por um tempo muito longo, pois sua atenção foi desviada pelo barulho intenso de dois trolls que começaram a brigar. Irvine ouvira falar que os trolls cinzentos eram pacíficos e um tanto abobados, mas aqueles dois pareciam longe disso. No começo discutiram numa língua que a princesa élfica absolutamente não entendia, mas depois passaram a se socar. Um deles, mais nervoso, apanhou uma grande rocha e a arremessou contra o peito do outro, jogando-o no chão. Ele caiu pesadamente, enquanto vários humanos e gnomos correram para não serem esmagados. Mas, o enorme troll de quinze metros que havia caído levantou-se furioso. Apanhou uma árvore gigantesca que fora recentemente cortada e baixou-a na direção da cabeça de seu desafiador. Por pouco não a rachou no meio, pois o troll a desviou, mas o tronco acertou-lhe o ombro. Irvine ouviu o som pouco confortável de ossos se quebrando.

Aquela peleja acabaria bastante mal se não fosse o mago. Ele se aproximou dos trolls com cara de poucos amigos e imediatamente os imobilizou, gritando nitidamente:

-Coagulatio!

Contudo, mesmo com a confusão, a caravana não se deteve. Continuou a avançar. Então, passaram ao lado do extremo construído da Muralha e, assim, Irvine já não estava mais na Karnevion Oriental, mas na Mesovíngia. E ela sabia que Bhorgus não permitira a construção de um portão ali, embora Alionor, o Grande Rei de Espadas, o seu eterno amado, insistisse muito nisso.

“Por que?”, ela pensava. Não sabia, mas imaginava que seria pela própria proteção dos elfos e do Vale de Aar. A Muralha dificultaria que orientais chegassem até o Vale Sagrado, então os seus protetores poderiam se concentrar na fronteira ocidental. Além disso, as duas facções élficas – os que queriam ser regidos por reis e aqueles que queriam ser regidos por feiticeiras – não mais se encontrariam, evitando, assim, possíveis desentendimentos.

Assim, seguiram em direção noroeste. Contudo, somente chegaram ao planalto de Boreanii em fevereiro. Ali era o local de nascimento de três rios importantes para o

continente: o Planoin, que corria para o sul, circundava o deserto de Monor e, seguindo para sudeste, desaguava no Mar de Monstros; o Angoin, que ia para nordeste, seguindo as terras do anjo-demônio Samyaza, e desaparecia sob as Montanhas de Fogo, na região onde se encontravam com a Floresta Infinita; e o Elfalas, o mais importante para os elfos, pois seguia para leste, cortando ao meio a Floresta de Karnevion, até desaguar no grande rio Mégion.

Chovia torrencialmente quando os elfos avistaram a Torre dos Ventos semi-construída. Mesmo não tendo atingido metade de sua altura, Sepitha já era impressionante, impondo-se, alva, contra um fundo cinzento, com os seus cento e vinte metros de altura.

Embora já houvesse elfos vivendo na torre, apesar da construção, os imigrantes armaram um grande acampamento em volta e ali viveram, até que a cidade estivesse pronta, quase cem anos após.

Mas, logo nos primeiros dias ali, Irvine, vendo que o irmão estava bem instalado, procurou por pistas da grande feiticeira chamada Axtre. Ouviu histórias bastante diversificadas e desencontradas, daquela miríade de elfos de diferentes etnias, vindo de todos os cantos de Karnevion. Uns diziam que ela se encontrava no sul, outros no oeste, na divisa com o principado de Nublise. Mas outros ainda apontaram uma série de direções diferentes, de modo que Irvine ficou confusa. A conclusão óbvia é que ninguém sabia o paradeiro da feiticeira pois, é claro, ninguém conhecia a localização do Vale Sagrado. E o vale era tão secreto que muitos defendiam que ele podia mudar de lugar e que era quase impossível achá-lo. Mas, mesmo assim, muitos já estiveram lá, aliás, muitas. Pois muitas elfas, quando estavam prestes a dar a luz, procuravam as feiticeiras e essas as levavam lá, para que o parto ocorresse nas terras sagradas. Mas, dizem, as feiticeiras as transportavam inconscientes, ou então... apagavam as suas memórias, de modo que nenhuma delas se lembrava da localização do vale.

Diante disso, teve que tomar uma decisão. Deixou os seus instintos a guiarem e rumou para o sul. Ajeitou a sua aljava nas costas, atravessou o arco no peito e, usando botas confortáveis, passou a caminhar.

No terceiro dia de caminhada, encontrou uma trilha antiga e estreita, quase já fechada pela mata que crescia, animada pela chuva. E assim foi.

Irvine não percebeu mas, lentamente, a trilha a levou para o oeste e, uma semana depois, algo extraordinário aconteceu.

Em meio à solidão, cercada de árvores por todos os lados, na companhia de pássaros e esquilos que a observavam, Irvine sonhava acordada, alimentando a sua alma. Vivenciava aquela lembrança, uma, duas, três vezes, e ainda mais. Não queria perder um décimo de segundo sequer daquela recordação. A lembrança pela qual vivia e pela qual ainda tinha energia para continuar. Seu alimento eterno, que guardaria dentro do coração por séculos e séculos. Então, olhava para o céu e sorria. Abraçava-se a si mesma e rodopiava devagarinho, como se dançasse com o amado, como se, naquela dança, estivesse sendo beijada.

Assim, não é de se admirar que, dali a pouco, ouvisse um riso.

Irvine parou imediatamente e ficou imaginando se o que ouvira era fruto de sua imaginação. Mas ouviu outra voz, baixa, mas nítida:

-Silêncio, uai!

Então tudo ficou quieto. Quietos demais. Irvine conhecia os pássaros e pequenos animais da floresta e sabia muito bem distinguir em que circunstâncias eles se calavam. Havia uma presença ali, algo que não conhecia. Assim, incontinenti, tirou o arco do peito. Mas, antes que pudesse apanhar uma flecha na aljava, foi cercada por dois redemoinhos e, tão logo seus dedos se fecharam em torno da flecha, foi engolfada por eles.

Tudo durou poucos segundos. Quando deu-se por si, tendo os redemoinhos se afastado, já não estava mais com o arco. E a aljava havia sumido também. Estava desarmada. Os redemoinhos, então, passaram a circular em torno dela, como se quisessem mantê-la ali.

Mas ela já desconfiava o que seriam aqueles ventos rodopiantes. Então, lembrou-se de seu mestre, Dastarvius, o professor que o pai lhe designara quando tinha apenas vinte anos, o velho elfo que combatera ao lado do próprio Athlon, o mais sábio dos elfos, já falecido, com mais de mil anos de idade. Dastarvius lhe explicara sobre os espíritos élficos protetores das florestas. Contara-lhe sobre alguns e um pouco sobre suas características. Contara como alguns dominavam com maestria o vento e o utilizavam para o próprio transporte. Espíritos travessos, inspirados pelo Bóreas, que gostavam de roubar coisas. Era como se, agora, o tivesse diante de si, explicando sobre os espíritos:

-Muitos são os espíritos protetores das florestas, Irvine. Particularmente estes de que me refiro são bastante travessos, gostam de pregar peças e fazer traquinagens, como dar nós nas crinas dos cavalos! Mas há um jeito de anular-lhes o poder: deves saber controlar os ventos!

E então Dastarvius ensinou-lhe os gestos. Teve que praticar durante décadas. E, agora, achava que ainda podia fazê-lo, apesar de não praticar há muitos, muitos anos. Nem se lembrava direito o nome do movimento... "Lóreans... eu acho!", pensou.

Assim, fez o movimento. Estendeu ambos os braços, e passou a movê-los. Dois movimentos independentes, difíceis de serem feitos. Movimento quase circulares, mas, enquanto um braço fazia um movimento seguindo uma curva vertical, um pouco inclinada, o outro perfazia um circuito horizontal e, ciclicamente, os braços se alternavam, de forma que, cada um deles, desenvolvia um movimento parecido com um "oito" entortado, como asas de borboletas a bater.

E, como consequência, os redemoinhos cessaram e duas criaturas apareceram no lugar. Dois elfos bóreas de pele escura e com uma perna só.

Quando perceberam que perderam os redemoinhos, tiveram uma reação engraçada: colocaram os braços sobre o peito e sobre o baixo ventre, como se tivessem sido pegos nus. Mas, na verdade, não estavam nus, pois, embora estivessem despídos da cintura para cima, trajavam calças curtas mui decentes e gorros vermelhos sobre a cabeça.

Irvine teve que conter o riso diante da reação daquelas criaturas. Depois ficou intrigada com o fato de terem apenas uma perna e olhou para os seus pés, constatando que eles tinham dois polegares, um do lado esquerdo e outro do lado direito do pé.

-Como é qui tu feiz isso, dona? – indagou um deles, espantado.

-É! – disse o outro. – E quem qui é tu?

Irvine, então, fez uma cara de nojo e uma careta, pois o bafo de cebola e alho que emanava da boca dos sacis era praticamente insuportável. E, vendo a reação da elfa, um disse para o outro:

-Eu tô fidido?

-Sei lá! – respondeu o outro, dando de ombros.

-Devolve meu arco e flechas! – ordenou a princesa. – Foram presentes de meu pai!

-Ah, nós só devorvemo si tu nos dissé quem é tu! – declarou um deles fechando os olhos e erguendo um dos dedos da mão direita.

-Sou Irvine. Venho de Sepitha e procuro a feiticeira Axtre!

-Mais pruguê quer achar a sinhora Astre – disse um deles, coçando o queixo, com apenas um olho aberto. – Tô achando qui tu não tá grávida não!

Então o outro deu um cascudo na cabeça do primeiro e ralhou:

-Dêxa di sê gonorante, sô! Num é Astre, é Axi... Axi... Axi...

E o primeiro caiu na gargalhada. Apontou o companheiro e caçoou:

-Vixi! Nem sabe dizê Astre!

Irvine olhou para o céu, como a pedir paciência para o Eureus. Depois disse:

-É Axtre! Pronuncia-se "aquistre"!

Os sacis ficaram a olhando como bobos, piscando. E Irvine viu que a caipirice deles jamais permitiria que pronunciassem corretamente o nome da feiticeira e desistiu de ensiná-los. Eles, então, se abraçaram e juntaram as cabeças, cochichando. E, de vez em quando, levantavam a cabeça e olhavam em direção à princesa élfica, desconfiados. Depois de um tempo de confabulação, um deles disse:

-Nóis aresorvemo levá ocê pra fiticera. Lá ela vai dicidei o qui fazê cocê!

-Segui nós! – disse o outro, sumindo um redemoinho que surgira repentinamente.

O outro também sumiu num outro redemoinho e passaram a se mover. Irvine, sem alternativa, foi atrás. Seguiram pela floresta, fora de qualquer trilha. Eram rápidos e a elfa teve que se esforçar para acompanhá-los. Mas ela era ágil e conseguiu seguir adiante, embora, vez

ou outra, os redemoinhos ficassem brincando, por exemplo, ficando um tempão circundando em torno da mesma árvore.

E assim foram. Mas, após quase uma hora, quando Irvine estava ficando cansada, chegaram até uma pequena clareira, formada por uma grande árvore que havia tombado amassando uma parte da floresta. Lá, cada redemoinho tomou um caminho diferente e a princesa ficou indecisa sobre qual deles devia seguir. Então, parou no meio da clareira, olhando para um lado e para outro. E, de repente, notou que havia alguém às suas costas. Virou-se assustada e viu, bem diante de si, a poucos passos, uma guerreira segurando uma lança.

Assustada, recuou. Procurou pelas suas armas, mas os sacis haviam levado todas. A guerreira deu um passo à frente. Vestia um colete de prata, forjado na forma de escamas, e uma mini-saia. Sobre a cabeça um elmo reluzente, com enormes asas nas laterais. Ela parecia terrível, mortal.

Mais uns passos para trás e Irvine encostou-se numa árvore, quase tropeçando. Mas a guerreira jogou a lança de lado e estendeu os braços, dizendo:

-Calma, princesa. Não te vou fazer mal!

-Quem és tu? – perguntou, trêmula, Irvine.

Normalmente, ela era corajosa e dificilmente temia qualquer inimigo, mas aquela figura... de alguma forma tinha um ar de poder emanando dela.

A guerreira, então, tirou o elmo, deixando cair uma vasta cabeleira castanha, revelando um dos rostos mais belos que Irvine já havia visto numa elfa.

-Meu nome é List Miar Daeris Axtre. Creio que me procuravas!

Irvine arregalou os olhos. Não era possível. Esperava encontrar uma feiticeira propriamente dita. Uma elfa notus idosa, em trajes longos e leves, com flores nos cabelos e não uma guerreira!

-Vejo que te surpreendi – disse Axtre sorrindo. – O que esperavas?

-Não sei... – balbuciou a princesa élfica, sem jeito de dizer o que esperava da feiticeira.

-Desculpa-me pelos trajes – disse Axtre, - mas como esperaria que eu poderia proteger o vale?

Irvine limitou-se a olhá-la, sem nada dizer. Era terrivelmente bonita e sentiu uma ponta de inveja. “Se eu fosse tão bonita assim”, pensou, “talvez Alionor tivesse cedido!”.

-És a filha de Bhorgus, não és? – indagou a feiticeira.

-Sim – respondeu Irvine, mais espantada ainda. – Como sabes?

-Está escrito em teus olhos! – respondeu Axtre. – E por que viestes?

Então, Irvine se deu conta que não sabia porque estava ali. Seu pai lhe pedira para procurar a feiticeira, mas não dissera o porque. Por isso, ficou embaraçada e confusa.

Percebendo o estado da princesa, Axtre concluiu:

-Vem comigo! Sei porque estás aqui!

E saiu praticamente correndo, com o elmo na mão, apanhando rapidamente a lança com a outra. Irvine correu para acompanhá-la, indagado:

-Ah, é? E por que estou aqui?

-Para aprender! – declarou a feiticeira, recolocando o elmo e sumindo entre as árvores.

#####

Irvine teve dificuldade para acompanhá-la. Mas chegaram até um acampamento escondido numa parte densa da floresta. Lá, um grupo de tendas arredondadas foi erguido e um bando de criaturas suigêneris se movia para lá e para cá em diversos afazeres. Estavam lá dois sacis, que Axtre foi logo apresentando:

-Deves ter conhecido nossos dois companheiros.

Os sacis devolveram o arco e a aljava à princesa élfica, que tratou de logo ajeitá-los no corpo, pois se sentia nua sem eles por perto. Depois, Axtre apontou para um deles e completou:

-Este é Uma Uaçá.

Um dos sacis acenou para a princesa:

-Tarde, dona!

Mas ainda não havia passado do meio dia. Em seguida, a feiticeira guerreira indicou o outro:

-E este é Tembê Tijuca!

O outro saci sacudiu os dedos:

-Tarde!

E veio então aquele bafo podre. Até a própria Axtre fez cara de nojo.

-Aposto que não pitaste hoje! – exclamou ela, repreendendo-o.

-Eu istivi muito ocupado! – defendeu-se o saci, abrindo os braços e encolhendo os ombros.

-E cadê o seu cachimbo? – inquiriu a feiticeira.

-Tá qui dentro das carça!

E enfiou a mão no bolso retirando de lá o cachimbo.

-E bota menta também que só hortelã não vai resolver! – declarou a feiticeira que, a essa hora, já estava óbvio para Irvine que era quem mandava ali.

-Mais eu só gosto de pitá hortelã! – declarou Tijuca.

Axtre nem respondeu. Limitou-se a mirá-lo com os olhos estreitados.

-Tá bão! Tá bão! – declarou ele, já tirando umas folhas secas de outro bolso e enfiando no cachimbo.

-Desculpa-nos, majestade – disse Axtre. – Os sacis se alimentam basicamente de alho e cebola, daí o bafo. Têm que pitar ervas aromáticas para disfarçar o hálito. Mas parece que Tijuca se esquece disso de vez em quando...

Mas Irvine pareceu não ter prestado atenção à explicação da feiticeira, pois algo lhe chamou fortemente a atenção: não muito longe dali estava uma dríade segurando uma corda, rodopiando sobre si mesma e forçando a corda para o centro de um círculo imaginário. E, na outra ponta da corda, uma das imagens que mais impressionara a princesa ao longo de sua vida: um formoso cavalo negro reluzente, que resfolegava e escoiceava. Mas um cavalo como Irvine jamais havia visto, pois tinha duas enormes asas que se debatiam, indecisas sobre se levantavam vôo ou não.

Axtre viu a reação de Irvine e sorriu.

-Nunca viste um cavalo alado? – perguntou suavemente.

Ainda espantada, Irvine fez que não com a cabeça, sem poder desgrudar os olhos daquele animal que achou magnífico e, naquele instante, não desejou mais ter um dragão.

Axtre segurou Irvine pela mão e a puxou em direção ao cavalo. Intensionava apresentá-la à domadora, mas algo aconteceu. Uma trombeta soou e, logo, um elfo bóreas apareceu no alto de uma árvore, gritando:

-Um grande destacamento a noroeste! Estão próximos!

-Muito bem, sabeis o que fazer! – gritou Axtre. – Vamos!

Então a feiticeira recolocou o elmo e, com um olhar terrível, ordenou a Irvine:

-Vem conosco!

Irvine não soube o que dizer. Seu coração começou a pular no peito, enquanto ouvia o som de outras trombetas ao longe. Rapidamente, Axtre virou-se para a domadora e ordenou:

- Brynhildir, dá esse para ela!

-Mas ele não está domado ainda! – protestou a dríade, que estava vestida de forma semelhante à feiticeira.

-Não importa! – declarou a líder.

E, então, Axtre saiu correndo e diversas dríades saindo de não se sabe onde passaram voando sobre suas cabeças. Os sacis se transformaram em redemoinhos e Brynhildir jogou a ponta da corda sobre Irvine. Esta a apanhou sem jeito e ficou meio abobada, sem saber o que fazer. A dríade olhou para ela por um breve instante e disse, logo antes de também sair correndo:

-Pula sobre ele. Ele nos seguirá!

E Irvine se viu sozinha. Ela e o cavalo. As trombetas soavam agora mais distantes. Ficou indecisa. O cavalo estava parado, com as asas recolhidas, mas ele parecia extremamente fortes. Teve um pouco de medo dele, mas também teve medo de ficar ali, sozinha, e mais medo ainda de ser considerada uma medrosa, pois isso ela não era. Então, saiu correndo e, num salto, pulou no dorso do cavalo, que nem sela e arreios tinha. Segurou-lhe na crina, pois ele passou a escoicear e acabou levantando vôo.

Voou como um raio, seguindo uma trajetória maluca, tentando tirá-la do dorso. Mas Irvine segurou firme, enquanto que o chão diminuía rapidamente. Seus dedos até lhe doíam de tão forte que segurava, pois o cavalo não estava disposto a levá-la. Assim, enquanto lutava para não ser derrubada, surgiu Brynhildir ao seu lado, montando um cavalo malhado. Ela gritou:

-Assim ele vai te derrubar! Nunca debes segurar na crina de um chapouê! Onde já se viu uma elfa com medo das alturas!

E se foi com o seu cavalo. E Irvine viu que ela não segurava qualquer arreio. Antes, segurava uma lança, tendo a outra mão livre.

Irvine pensou, então, que era uma elfa e que poderia muito bem se transformar numa fada caso caísse. E viu também as outras dríades no céu, indo por um caminho diferente do que aquele cavalo maluco lhe impunha. Então, soltou as mãos, apertando firmemente as pernas contra as laterais do cavalo, com a parte traseira das coxas, encostada na parte dianteira das asas, sentindo-as bater com toda a sua força e vitalidade.

Então, como por encanto, o cavalo mudou a trajetória, estabilizando-se e indo atrás dos demais.

Dali a alguns minutos, Irvine pôde avistar o motivo da correria. Já estava próxima dos demais, pois aquele cavalo negro parecia voar como um raio. E podia ver que as demais dríades já iniciavam um movimento descendente e, lá em baixo, uma grande coluna se deslocava. Irvine pôde ver como várias árvores caíam rapidamente na frente da coluna e, olhando bem, pôde reconhecer um bando de shetats que derrubava as árvores, formando uma larga passagem, como verdadeiros tanques de guerra que não reconheciam as coisas da

floresta como obstáculos. Atrás deles vinha um destacamento de dezenas de gigantes portando longas lanças, montados sobre aghs.

As dríades caíram sobre eles, gritando:

-In valkirias, ar ar ar!

Irvine ficou sem saber o que fazer. O seu cavalo descia vertiginosamente. Então, um tanto instintivamente, apanhou o seu arco. Foi quando o cavalo se assustou com o que acontecia lá em baixo e virou-se bruscamente. Mas o movimento foi tão abrupto, que ele perdeu o controle do próprio vôo o que o projetou num pouso forçado no meio da floresta. Atravessaram o dossel quebrando vários galhos e, quando o chão chegou, o cavalo não conseguiu firmar as patas no chão. Então, ambos rolaram sobre a mata baixa que crescia sob a copa das árvores. Felizmente o cavalo não quebrou nenhuma pata ou pescoço. Rapidamente ele se levantou e alçou vôo novamente, abandonando Irvine lá.

Ela olhou ao redor e nada viu exceto a floresta. Ouvia sons distantes. Então, passou a caminhar em direção a eles, já colocando uma flecha no arco. Caminhou rapidamente até que viu, a uma distância de uns cem metros, entre as árvores, uma figura sinistra: um gigante segurando uma enorme lança, com cara de poucos amigos. Ele também segurava as rédeas de um agh de doze metros. Ao vê-la, ele esporeou o animal, que passou a se deslocar velozmente na direção de Irvine. Sem pestanejar, ela lançou uma flecha, que veio a se cravar no meio dos olhos do crocodilo gigante. Mas esse pareceu nem se importar. Irvine imaginou que o seu cérebro devia ser minúsculo, pois não fora atingido pela flecha. Então, ele continuou vindo, aproximando-se rapidamente. O gigante colocou sua lança em posição de varar o peito da elfa.

Irvine retirou mais duas flechas da aljava e colocou-as, ao mesmo tempo no arco. Então fez rigorosamente como Mordarion lhe havia ensinado: suspirou fundo e esperou.

O agh corria se aproximando rapidamente. Cinquenta metros, quarenta. Irvine retesou o arco, mirando sem respirar. E, quando o animal estava a pouco mais de vinte metros, ela disparou.

As flechas cravaram-se precisamente nos olhos do bicho. Ele enlouqueceu, contorcendo-se para todos os lados e mordendo o que vinha pela frente, mas continuando a se deslocar. Irvine se colocou de lado e o agh passou por ela. Abocanhou uma árvore com uma força tão grande, tomado pela dor nos olhos, que a arrancou do chão. Com o movimento abrupto, o gigante foi derrubado.

Ele, então, se levantou rápido. Estava furioso e gritava:

-Tu thuellai! Ai chom ar e! Natda!

E Irvine era suficientemente instruída na língua tuê para saber que aquilo não era um elogio. Então, ele avançou sobre a elfa. Atacou-a furiosamente com a sua lança, mas ela era ágil. O gigante tentou por diversas vezes acertá-la, mas ela se desviava, irritando-o mais ainda.

E, de repente, surgiram os dois redemoinhos e envolveram o tuê, como duas moscas zumbindo em volta. O gigante tentou espantá-los com as mãos, mas os seus braços passaram

por entre os redemoinhos, longe de dissuadi-los. Irvine, então, viu que havia uma corda enrolada, pendurada num ponto da cintura do gigante. Correu até ela e apanhou. Então, passou a dançar em torno do tuê, estendendo a corda até que, em poucos instantes, ele estivesse completamente enrolado na corda. Assim, com um puxão, ela o derrubou e ele já estava todo amarrado e indefeso.

Os redemoinhos cessaram e os sacis surgiram. Depois, levantaram as mãos e disseram:

-Toca aqui, parcerá!

#####

Irvine e os sacis procuraram as outras dríades, encontrando-as num local onde havia vários corpos de gigantes e aghs abatidos. Uma dríade, que parecia ter um posto de liderança, falava:

-...e aposto qualquer coisa que o príncipe está metido nisso! Sou pela invasão de Nublise e terminar com isso de uma vez por todas!

Muitas outras guerreiras manifestaram concordância, agitando as suas lanças e braços. Contudo, Axtre não parecia muito contente com aquilo. Ela ergueu os braços e falou com voz suave e firme:

-Entendo tua impaciência, Svana, mas devemos ser espertas. Somos poucas e o exército de Nublise é imenso. E não vimos nenhum soldado entre os invasores, não é?

-Qualquer soldado pode se disfarçar – objetou Svana.

-Faremos diferente – afirmou a feiticeira. – Irei até Nublise!

-Não! – objetaram algumas elfas. – É muito perigoso, senhora!

-Ele não ousará me fazer mal – continuou Axtre. – Ele será forçado a tomar alguma providência a respeito das invasões. Ou então... se revelará!

Fez-se silêncio, então. A fala da feiticeira pareceu ser a palavra final da discussão. Mas Irvine olhou para a guerreira Svana e ela demonstrava nitidamente estar contrariada. Contudo, ninguém ali parecia ousar contestar a grande feiticeira de Karnevion.

E, assim, quando tudo parecia resolvido, Axtre voltou a falar:

-No entanto... precisamos antes tirar as doleras daqui, levando-as até o Vale, onde estarão seguras.

Muitos – elfos bóreas e notus e mesmo algumas fadas, e também diversas dríades guerreiras – assentiram com a cabeça, embora Svana permanecesse calada, olhando para o chão. Depois, Axtre começou a distribuir tarefas:

-Brynhildir, reúne trinta chapouenaês menos experientes que possam carregar as doleras. Eu as acompanharei e organizarei as coisas no Vale. Em uma semana partirei para Nubliset, acompanhada por três de nossas melhores meninas. Svana, tu as liderarás!

Svana respondeu algo à líder, mas Irvine não pôde prestar atenção, pois o cavalo negro que montara pousou ao seu lado, roçando a cabeça em seu ombro, desviando o foco dos seus sentidos. Ao mesmo tempo, apareceu Brynhildir e foi logo dizendo, com um sorriso nos lábios:

-Ora! Ele gostou de ti!

Ela se referia ao cavalo, que Irvine tratou de acariciar. Mas a guerreira não perdeu tempo e foi logo dizendo:

-Irvine, vai nos acompanhar até o Vale. Levarás uma dolera contigo!

O coração da princesa élfica pulou no peito: "Vou conhecer o Vale Sagrado!", pensou, ao mesmo tempo excitada e preocupada, pois iria presenciar o que poucos elfos já haviam visto e que absolutamente nenhum humano, tuê ou outro elemental jamais havia presenciado.

Então, sentindo-se um pouco amedrontada, abraçou-se ao pescoço do cavalo e, para desviar a atenção, disse para ele:

-Vou te chamar de Skiron!

E este não era um nome muito simpático entre os elfos. Estava relacionado ao mal e a confecção de venenos, mas havia uma sabedoria intuitiva naquele nome. Irvine não podia ter consciência disso naquele momento, mas o nome estava associado à possibilidade de domar o mal, assim como se doma um cavalo alado, o mal que Irvine estava destinada a controlar.

#####

No dia seguinte, logo após o raiar do sol, após as guerreiras terem retornado ao acampamento, as doleras foram reunidas. A própria Axtre lhes ministrou uma série de instruções. Mas Irvine não prestou muito atenção nessas palavras, pois o rosto daquelas elfas a fascinou. Elas sorriam e a alma delas parecia plena de felicidade. Formavam um grupo de trinta. Irvine sabia que muitas elfas, antes de darem a luz, procuravam as feiticeiras guardiãs do Vale e, a algumas, era permitido dar a luz no interior do Vale de Aar. Esta era uma grande honra e garantia de que suas crias seriam grandes elfos, com espíritos maduros. Irvine não vira como Axtre escolhia aquelas que teriam a honra de entrar no Vale, mas imaginava que ela perscrutava a alma das parturientes. E, agora, olhando para elas, Irvine notou algo diferente em seus rostos. Ao contrário das humanas, não é possível dizer se uma elfa está grávida ou não olhando para o seu ventre, que cresce muito pouco, mas agora, analisando aquelas faces... era claro para a princesa que esperavam filhos e, então, a partir daquele instante, Irvine saberia sempre quando uma elfa estava prenhe, mesmo que no início da gravidez, pois aprendeu a reconhecer os sinais.

Quando a feiticeira terminou o seu colóquio, Brynhildir tinha coisas mais mundanas a falar. Virou-se para o time de valquírias que havia selecionado e bradou:

-Muito bem, guerreiras, montai!

Deram-lhe uma armadura peitoral de couro, mini-saia e botas e Irvine se sentia pouco confortável. Mesmo assim, pulou sobre Skiron. Em seguida, outro tanto de dríades ajudou as doleras a subirem nas garupas dos cavalos alados, que eram chamados pelos elfos de chapouês.

-Segurai firme das condutoras! – ordenou Brynhildir para as doleras, com uma voz um tanto rústica.

Em seguida, ela montou no seu próprio chapouê, assim como a senhora Axtre.

E partiram. Irvine bateu com os calcanhares na barriga de Skiron e sentiu suas enormes asas se estenderem e fazerem-nos alçar vôo, deixando o chão cada vez menor.

Irvine não sabia onde ficava o vale, mas iria seguir o restante das valquírias. Contudo, ela não sabia disso ainda, mas a única que sabia a localização do vale era a própria Axtre, sem a qual as demais jamais o encontrariam. Rumaram para o nordeste, tendo o Sol pouco acima do horizonte e, depois de uma hora de vôo, adentraram uma névoa densa. E Irvine sentiu-se estranha dentro daquela névoa. Parecia que estava meio tonta, perdendo completamente a noção a respeito de que direção estava indo. Somente podia se orientar pelos chapouês que estavam a sua frente.

E, tão repentinamente quanto surgira, a névoa se foi. Irvine viu-se sobre o tomo de um imenso monte arredondado, com uma espécie de planalto em cima. Em poucos minutos, chegaram às imediações de uma grande cratera no planalto e, então, os primeiros chapouê ali mergulharam. Aos poucos, os demais seguiram os primeiros e, quando chegou a vez de Irvine, que era uma das últimas, ela constatou que o mergulho era mais que radical: a trajetória repentinamente ficou vertical, atingindo-a com um brusco frio na barriga, pois Skiron fizeram exatamente como os outros chapouês.

Irvine sentiu a dolera que levava na garupa agarrar-lhe com força. Em princípio, imaginou que a queda terminaria em poucos segundos, mas estava enganada: caía vertiginosamente sem parar mais. E, quando achava que aquilo não iria acabar mais, eis que os demais cavalos alados abruptamente avançaram na horizontal e Skiron novamente fez o mesmo.

O movimento foi tão brusco que a cabeça de Irvine passou a rodopiar, mas a visão que se revelou logo abaixo fez com que ela se esquecesse rapidamente desse desconforto: inúmeras cachoeiras geravam arcos-iris, com a tênue luz que ora penetrava no Vale. Rios, dezenas deles, corriam para lá e para cá, formando uma rede complexa. Brumas cobriam as árvores parcialmente, revelando-as verdes, mas coloridas, pois grande quantidade de ipês, manacás, e muitas outras espécies com folhas e flores berrantes, formando um dossel multicolorido. E, quando os chapouês pousaram num descampado gramado, Irvine teve que descer lentamente do cavalo para acreditar no que via:

Flores gigantes reluziam ao Sol, cobertas por uma espécie de pó dourado brilhante. Milhares de fadas e silfos voavam de um lado para o outro, brincando e fazendo travessuras. Animais incríveis passeavam sossegadamente, ou bebiam água dos riachos, pássaros multicoloridos que Irvine jamais vira: preguiças gigantes, coelhos azuis, pequenos bichinhos arredondados peludos que corriam pelo chão, antílopes cuja galhada sobre a fronte pareciam duas imensas árvores, filhotes de chapouês e unicórnios.

E a princesa estava tão deslumbrada que nem notou a aproximação da feiticeira.

-Bem vinda ao Vale de Aar, Irvine! – declarou Axtre.

Mas a princesa nada conseguiu dizer. Seu coração batia forte no peito. Arfava. Então, limitou-se a sorrir.

#####

A convivência, ao longo do dia, com todas aquelas cores e seres deslumbrantes, cansou os olhos de Irvine. Havia uma luz mais forte que o normal ali, que delineava imagens mais nítidas. Foi somente com a noite que veio algum descanso visual, pois as cores se tornaram menos intensas.

Naquela hora, na terceira hora após o crepúsculo, Brynhildir tratava de aumentar uma fogueira, pois o frio estava ficando mais intenso e Irvine estava sentada perto. Foi quando apareceu outra dríade, dizendo:

-Irvine, uma das doleras entrou em trabalho de parto. A Senhora Axtre quer que vejas o nascimento.

Assim, Irvine a acompanhou. Foram encontrar a feiticeira ajoelhada no chão, diante da jovem mamãe que estava recostada a uma árvore, sorrindo. Não demorou muito para que o bebê se mostrasse. Colocou a carinha para fora da vagina, e piscou bastante, pois, mesmo sendo noite, a luz já lhe era intensa. Parecia indeciso se sairia ou não. Então a mamãe o chamou:

-Nixtl, vem com a mamãe!

Então ele saiu. Estava todo coberto com o melado verde da placenta, mas, mesmo assim, tentou bater as asas. É claro que não conseguiu e caiu sobre as mãos de Axtre. Imediatamente, ela estendeu os braços levando o pequeno silfo para a mãe, depositando-o sobre o peito desta. A mamãe tratou de tentar limpá-lo o melhor que pode, passando-lhe a ponta do dedo indicador para afastar o melado. Então, o pequeno ser de cinco centímetros de comprimento piscou várias vezes, como tentando reconhecer a mão. E depois... transformou-se em um zephyros chorão. Parecia um pequeno gnomo, pois se apresentou bastante rechonchudo, com quase cinquenta centímetros de comprimento. Passou a berrar e espirrar lágrimas longe. Então a mãe afastou o vestido de um seio e ele se pôs a mamar vorazmente, enquanto que a mãe sorria e chorava ao mesmo tempo, de felicidade.

Irvine nunca havia visto um parto de perto e ficou imaginando se um dia teria filhos. E, é claro, chegou à conclusão que não, pois aquele a quem amava lhe era inalcançável. Assim, ficou triste.

Mas a Senhora Axtre notou isso, pois observava a princesa atentamente. Por isso, chamou-a para um passeio. Caminharam um pouco enquanto a feiticeira perguntava o que Irvine havia achado do Vale. Depois, sentaram-se no chão, sob um flamboyant.

-Teu pai me pediu para cuidar de ti e também de te ensinar tudo o que posso... – disse a feiticeira, analisando a jovem elfa. – Contudo... há uma tristeza profunda em ti... O que é?

Irvine olhou timidamente a sua interlocutora, com o rabo dos olhos:

-Tristeza? Eu? Não...

-Sabes que não podes me enganar, não é? – indagou Axtre, demonstrando segurança e perscrutando a jovem.

-É apenas uma bobagem... uma bobagem de menina... – disse Irvine, baixando a cabeça.

-Estás apaixonada, não estás?

Irvine levou um susto e levantou a cabeça na direção da poderosa feiticeira, sem saber o que dizer. “Como ela sabe?”, pensou, olhando fixamente aquela linda elfa madura. “É claro, ela é uma feiticeira! Sabe ler a mente dos outros...”, concluiu ela.

-E quem é o felizardo?

-Ah... não importa... Já acabou... – disse a princesa, triste.

-Um amor impossível então?

-Um amor sem sentido! – respondeu a jovem rapidamente, já com uma lágrima lhe brotando do canto de um olho.

-Quem é, Irvine? – perguntou Axtre, com um tom um pouco mais seco.

-Já disse que não importa! – respondeu a princesa, também um pouco mais bruscamente.

-Preciso saber! Teu pai me confiou-te!

Irvine ficou contrariada e sairia correndo dali se não fosse uma coisa: o olhar da feiticeira lhe capturara e, agora, não poderia sair sem que a resposta verdadeira fosse dada. Então, ela falou com raiva, externalizando toda a dor que sentia pelo seu amor impossível:

-Alionor, o Grande Rei de Espadas! O senhor absoluto de Brenor e de todos os reinos humanos! O homem mais poderoso da face deste mundo!

E, assim, a fisionomia da feiticeira relaxou, exibindo um sorriso. Não porque achava que aquele sentimento era ridículo, mas foi um sorriso de amor.

-Sei que é um sentimento errado e impossível... por isso, me afastei dele!

Mas Axtre tentou fazê-la ponderar algumas coisas:

-Irvine... acabaste de ver um parto de uma elfa... Se casares com um humano... Bem, em todos os casos em que isso aconteceu, a elfa sempre pariu como uma humana... E sabes como é isso?

-Como as humanas têm filhos? – indagou a jovem elfa, um tanto surpresa com a colocação. – Nunca pensei isso...

-Os filhotes humanos ou mesmo os brehellais não podem nascer tão compactos como um eurus. Eles nascem grandes, como os bebês zephyros, e as humanas concebem em meio à dor. Muita dor, Irvine.

A princesa mirou bem a senhora élfica, pensando. Depois exclamou:

-Isso é irrelevante. Não vai acontecer mesmo...

Então, lágrimas mais abundantes rolaram dos olhos de Irvine e ela tentou desviar o rosto em outra direção. Mas a grande feiticeira a mirou com outros olhos, com os olhos da sabedoria e da magia. Assim, viu uma coisa extraordinária: algo, além do plano material, começou a brilhar sobre a cabeça da princesa, no início parecendo uma névoa que tomava forma, depois, como uma leve coroa de prata. E Axtre analisou bem aquela coroa. Motivos élficos, mais especificamente ramos de folhas, a adornavam. Mas, bem no centro da coroa, na posição que ficava na posição central da testa, nitidamente podia ver o inconfundível símbolo da Ordem de Lumerae: O círculo maior, contendo o triângulo, que continha o quadrado, que continha o círculo menor, que continha duas figuras representando um homem e uma mulher. Mas, olhando bem atentamente, podia-se ver que, na verdade, se tratava de um homem e uma elfa.

Então Axtre sorriu pois tinha diante de si claramente qual seria o destino daquela menina. Por isso, perguntou:

-E ele, por um acaso, não te ama?

Irvine virou-se novamente para a feiticeira e, sofrendo, mal pôde dizer:

-Não, não! Ama outra! Uma maga cruel e sanguinária!

E desabou. Chorou copiosamente, soluçando. Axtre abriu os braços e, ainda sorrindo, disse:

-Vem. Dá-me um abraço!

E Irvine, chorando muito, aconchegou-se contra o peito da elfa. Então, sentiu algo que há muito não sentia e que estava enterrado dentro da sua alma: sentiu-se como estivesse

no colo de sua mãe. E nem se lembrava mais como seria isso, pois sua mãe, a rainha Thamnala, falecera quando ainda tinha tenra idade.

Assim, agarrou firme os braços da feiticeira e afundou o mais que pôde o rosto entre os seus seios. Mas não chegou a se transformar numa zephyros, pois aquela dor era uma dor de crescimento. Axtre lhe acariciou os cabelos por longos minutos e o seu coração foi se apaziguando. Depois a feiticeira afastou a jovem, suavemente, segurando-a pelos ombros, dizendo:

-Já fizeste o ingewê?

Irvine ficou olhando-a espantada, sem saber o que dizer.

-Não... isto é... se o fizer, não poderei mais voar...

-Mas todos nós precisamos crescer, criança. E deixar nossas dores no passado!

Irvine, agora, a olhou indecisa. Deixar as dores no passado significava esquecê-lo? Significava perder aquele momento fugaz que cultivava vivo na memória, que agora queria conservar para sempre?

-Não achas que está passando da hora? – insistiu a feiticeira.

-Não sei... – disse ela, baixando a cabeça.

-Acho que vais te sentir melhor se o fizeres... Teu espírito clama por isso!

Irvine olhou novamente para a sua nova companheira e mestra e viu que suas palavras eram sinceras. Então, assentiu com a cabeça, abaixando-a novamente.

-Bem, amanhã partirei para o reino dos gigantes. Deseja-me sorte, Irvine!

-Sorte? Não precisas disso, és a grande feiticeira de Karnevion!

Então Axtre a olhou misteriosamente, murmurando:

-Reza por mim, Irvine. Reza para que eu consiga controlar meus poderes!

Irvine sentiu um pouco de medo nessa hora, pois o rosto da feiticeira mostrou parte do seu poder. E o vento, como um mero instrumento da feiticeira, pôs-se a soprar, balançando os seus longos cabelos castanhos. E Irvine já ouvira muitas histórias sobre o poder de Axtre. Alguns até mesmo diziam que ela podia mover montanhas com um simples olhar.

Então a feiticeira se levantou e, ao mirá-la, Irvine também teve uma visão: a visão de que estava diante de um espírito poderoso.

-És uma denassê, não és? – indagou a jovem.

E aquilo pareceu tirar a feiticeira de seu estado de poder, voltando a ser uma mera dríade.

-Uma denassê? Sabes que as denassês são uma lenda, não sabes?

-Meu tutor, Dastarvius, me contou sobre as denassês – explicou Irvine. – Ele me disse que, um dia, surgiriam feiticeiras extremamente poderosas, espíritos antigos provenientes das árvores mais puras, elfas lindíssimas que se dedicariam toda a sua existência a fazer o bem!

-Quem me dera, minha filha, ser uma denassê... – comentou Axtre, vagarosamente.

E olhou fixamente para Irvine, novamente, com os olhos da sabedoria. E viu outra coisa extraordinária, ao mesmo tempo terrível e bela. Viu o espírito de Irvine. De início e se portou altivo e belo, como a poderosa rainha de toda Brenor. Mas depois, os membros do espírito se atrofiaram e ele se tornou frágil, deitado sobre uma espécie de maca, apresentando-se como alguém que não podia mais andar ou mesmo comer utilizando as próprias mãos, contudo aquele ser... exibia um olhar... um olhar de profunda sabedoria, um olhar da mais sábia e poderosa das denassês.

-Ecrux Futulê... – balbuciou a feiticeira, repetindo um nome que fora soprado pelo vento.

-O que disse? – perguntou Irvine.

Mas Axtre não respondeu pois a visão ainda não cessara, pois via outra criatura ao lado da elfa aleijada: uma menina humana entre a adolescência e a idade adulta. Uma jovem rainha demonstrando compaixão para com a elfa, acariciando-lhe os cabelos. Então Axtre observou que havia uma forte ligação entre as duas e observou que aquela que estava em pé era outra futura rainha de Brenor. E viu que aquela seria a Grande Rainha de Copas e que Brenor teria dois grandes reis e duas grandes rainhas, cujo poder e sabedoria se sobrepujaria aos demais.

Axtre, então, engoliu a seco pois sentiu a enorme responsabilidade que tinha ao ter aceito educar aquela jovem princesa.

#####

O Sol mal havia raiado e Irvine já caminhava pelo Vale, afastando-se das tendas das dríades. Se tinha que fazer aquilo, era melhor fazer logo. Se a grande feiticeira havia dito que deveria fazer, então que fosse agora. Contudo... já não era mais tão fácil se converter para a fase bóreas. Isso estava acontecendo cada vez mais raramente. “É claro, estou crescendo!”, pensou ela. A última vez que se transformara fora ainda quando estava com aqueles malucos dos dragões dourados. Sentiu, agora, saudades das histórias de Vista Grande, do feijão queimado de Janta Fria e até do garoto, o Rato Valente.

Precisava, então, de um estímulo para mudar de fase. Então, resolveu fazer alguma traquinagem. Mas o que? Olhou para um lado e para outro. Skiron pastava nas imediações. Viu uma fadinha tentando arrancar uma flor de rara beleza de uma planta. Estava pensando. Tentava em diversas posições, posicionando os pés contra as folhas para dar mais firmeza. Depois de alguns minutos arduamente tentando, finalmente conseguiu retirá-la. Ficou toda contente, olhando para a flor como uma boba. Então, Irvine decidiu o que iria fazer. De um salto, montou sobre Skiron e gritou para a fadinha:

-Há! Agora vou roubar a flor de ti!

A fadinha ficou espantada e, é claro, saiu voando em disparada. Mas Irvine fez Skiron ir atrás dela. Levantou vôo rapidamente e se pôs em perseguição. A princesa levantava as mãos para o céu e gritava:

-Vou pegar-te! Não adianta fugir!

E ria.

A fadinha, percebendo a brincadeira, também riu e saiu voando em zigue-zague, passando por entre os galhos das árvores, por caminhos que um cavalo alado não podia passar. Mas Irvine voou por cima das árvores, prestando atenção para não perdê-la. Mesmo assim, a perdeu. Contudo, a fadinha apareceu do seu lado e fez uma careta, mostrando a língua para a princesa. Irvine achou graça daquilo e, é claro, se transformou numa elfa bóreas. Mas se esqueceu do que estava fazendo ali e pulou do chapouê, lançando-se no ar e voando no encalço da fadinha.

Foi somente quando estava prestes a pegá-la que se lembrou do ingewê. Então, deixou-a ir e olhou para o céu com uma fisionomia mais séria. Fazendo força mental para não voltar para a fase notus. Tentou se lembrar do que Dastarvius lhe ensinara sobre o ritual. E assim, voou para a cima, com toda a velocidade que podia, subindo e subindo sempre, para atingir o nível das nuvens.

O ingewê era a cerimônia na qual os jovens elfos diziam adeus a sua infância e aceitavam as responsabilidades da fase adulta. Irvine sabia que, após ele, não poderia mais voltar à fase bóreas, exceto quando experimentasse algumas fortes emoções específicas, portanto, não poderia mais voar por si mesma. Mas voar era tudo de bom, bem como brincar da forma que os bóreas faziam. Então o ingewê era uma espécie de sacrifício. Um sacrifício pessoal, solitário. Mas... Axtre havia dito que aquilo faria bem para ela.

Será que faria esquecer aquele momento? Do beijo e do calor do corpo do seu amado? Faria esquecer o seu rosto, da sua pele, da sua alma? Irvine não queria esquecer nada. Queria que o momento do beijo permanecesse eternamente vivo dentro do seu ser. Queria que o rosto do seu amado estivesse ali, bem diante de si, tão vivo que quase poderia tocá-lo.

Já começava a atravessar as nuvens mais baixas e o vale já estava pequenino lá em baixo. Mas Irvine olhava para cima, para o azul e branco que a esperava pacientemente. Subia com os braços abertos, sentindo o vento contra o rosto e sorrindo. É claro que não era um sorriso de felicidade, mas uma tentativa de saborear cada momento do seu último vôo livre.

Então fechou os olhos e rodopiou sobre si mesma, enquanto atravessava as nuvens, já aparecendo sobre elas, enquanto que o Sol projetava raios filtrados pelas frestas das nuvens, tais quais holofotes translúcidos que banhavam a parte superior de outras nuvens e tingia-as de laranja e dourado.

E, embora ela fosse agora Nerah, a bóreas, pensava em Alionor como uma elfa madura, como uma fêmea apaixonada. E assim, sentindo-se flutuar, de olhos fechados,

imaginou-o, concebeu-o em sua mente. Sentiu o calor do seu corpo em suas proximidades e, suavemente, ele a tomou nos braços. Envolveu-a, segurando-a suave, mas firmemente. Ela perdeu toda força e resistência e ela a beijou. Sentia, nesse momento, exatamente como naquele instante em Barratas. A pressão e tenacidade dos seus lábios contra os seus. O seu gosto. As suas almas que se envolviam. E, então, depois de um prolongado beijo, ele a segurou pela cintura, apanhou a sua mão e saíram rodopiando por um salão imaginário. Assim, Nerah girava sobre si mesma, voando entre as nuvens, sonhando e, ao mesmo tempo, encostava a cabeça no peito do amado e se deixava levar. Ele a conduzia na dança e ela desfrutava cada instante daquele momento. Um momento que existiu apenas na sua mente, mas nem por isso deixava de ser mais real.

E Nerah colocava os braços na mesma posição que Irvine estava no salão, nos braços do amado. E rodopiava, rodopiava, sorrindo e sorrindo, no momento mais feliz da sua vida. No momento em que alimentava a sua alma com uma lembrança que jamais se apagaria, independente de que fase estivesse, independentemente de quanto tempo passasse, pois Alionor estava vivo dentro de si, eterno em sua alma.

E, no salão, ela usava uma longa grinalda, que se arrastava pelo chão e se configurava numa espiral que envolvia o casal, da mesma forma que a névoa das nuvens envolvia Nerah e o chão a rodar sob os seus pés se confundia com o distante dossel colorido do Vale.

Esperava que o real Alionor se casasse com a lindíssima Meissa e fosse feliz. Como o amava, a sua felicidade lhe era fundamental. Mas tinha-o dentro de si, eternamente. E essa lembrança lhe bastava. Carregá-la-ia por toda a sua longa vida de elfa e seria o alimento da sua alma. Viveria intensamente, ajudando a proteger o Vale e auxiliando o seu irmão a construir o reino do ocidente e a lembrança daquele beijo seria suficiente para que sobrevivesse. Assim, estaria vivendo por um beijo.

#####

Axtre retornou dali a uma semana. Ela conseguira convencer o príncipe Nublise a coibir a invasão de gigantes na floresta, mas Irvine não perguntara como ela o fizera. E, um dia, a feiticeira perguntou-lhe se ela queria de fato permanecer ali, sob a sua orientação, ajudando na proteção do Vale. Diante da resposta afirmativa da jovem elfa, Axtre disse que, então, Irvine deveria prestar o juramento diante das fulfilliari. Irvine espantou-se com a perspectiva de ver as pedras sagradas, lar dos espíritos dos elfos.

E Axtre a conduziu por um caminho secreto até a imensa gruta que abrigava aquelas pedras verdes. E o coração de Irvine bateu diferente quando ela viu as pedras que forravam o chão e as paredes da gruta. Milhões de pedras reluzentes com tamanhos e formas diferenciados e que, de vez em quando, mudavam de forma e tamanho.

Então, ambas se ajoelharam diante das pedras. Axtre pronunciou as palavras e Irvine as repetiu:

-Diante dos sagrados espíritos dos elfos, juro proteger o Vale de Aar da ganância de homens e tuês, da voracidade das salamandras e da maldade dos thuellais!

E assim, durante dez anos, Axtre instruiu a princesa élfica na arte da guerra e Irvine colocou o seu arco e flechas a serviço de campanhas de combate a gigantes invasores, com suas máquinas de guerra sofisticadas e animais vorazes. E, durante mais dez anos, Irvine foi introduzida na arte da magia élfica. Durante todo esse tempo, Irvine chorava quase todas as noites, antes de dormir, perturbada pelo seu amor impossível. Mas, em 42 da Era dos Grandes Reis e Rainhas, quando ela já se tornara uma feiticeira iniciante, algo extraordinário aconteceu.

Numa época em que Axtre e Irvine estavam em Sepitha, receberam a visita de uma comitiva de Brenor, liderada por ninguém menos que o próprio Sirius, o Grão-Sacerdote de Lumerae.

E aquele encontro se tornaria um dos episódios mais importantes da história da Micropella e, sem dúvida, o episódio mais importante para os elfos desde a tomada de Piramar. Pintores fizeram várias telas retratando o encontro de Sirius e Axtre, pois foi nesse episódio, no acampamento nas proximidades da torre, que Sirius declarou, exibindo os cálculos astronômicos, que Axtre deveria ser chamada, a partir daquele momento, de Acrux Alva, a primeira das denassês.

E, no instante em que Sirius disse isso, todos os milhares de elfos que estavam em volta se ajoelharam diante da denassê, saudando a sua soberana espiritual.

E muitos foram os conhecimentos compartilhados por magos e feiticeiras, nos dias que se seguiram. Os magos lumeraeanos trouxeram os conhecimentos astronômicos e arquitetônicos, enquanto que as feiticeiras élficas lhes ensinaram segredos médicos e alguns rituais de transubstanciação, sendo o mais importante deles, o ritual da integração de uma feiticeira élfica com uma árvore, o qual foi adaptado por Sirius, dentro dos Doze Ensinaamentos compilados por ele, na forma do ritual da crucificação.

Mas, no momento em que Sirius declarou que a feiticeira Axtre era uma denassê, Irvine não estava presente. Foi informada da chegada da comitiva apenas alguns minutos mais tarde. Encontrava-se, nesse instante, no trigésimo andar da torre de Sepitha. O seu coração, tão logo soube, disparou no peito, de forma que Irvine temeu por sua própria vida, pois não tinha certeza se Alionor não acompanhara a comitiva. Ela acreditava que seria extremamente pouco provável que o rei brenoriano abandonasse o seus afazeres para comparecer a um encontro entre magos e feiticeiras, mas sempre havia uma pequena possibilidade.

Assim, hesitou muito em descer. Mas, de repente, saiu correndo, praticamente despencando ao longo da larga escadaria em espiral, trinta andares abaixo.

Foi correndo em direção ao acampamento, onde via uma aglomeração. Foi forçando a passagem entre a multidão, até chegar onde podia avistar a comitiva. A primeira pessoa que reconheceu foi Meissa. O tempo não passara para ela, pois continuava linda como sempre. E ela pressentiu a elfa imediatamente, pois virou a cabeça e, misteriosamente, sorriu. Estranhamente sorriu com uma expressão de amor e afeto para com Irvine, contrastando drasticamente com a maga que a elfa conhecera em campanha, que combatia kiches e troglodrons com uma imensa agressividade.

Viu Sirius, sempre segurando o cajado retorcido, conversando aminadamente com Axtre. E depois, com o coração quase saindo pela boca, passeou os olhos pelos brenorianos a procura dele: o autor do beijo que a avivava.

E, então, contra todas as expectativas, o encontrou.

Vestia um casaco marrom, que ia até os joelhos, forrada de adornos sóbrios. A espada nuai lhe pendia da cintura. Irvine, quase morrendo, viu imediatamente que ele estava mais velho, mas o tempo fora generoso com ele: os cabelos e barbas estavam um pouco grisalhos e a princesa o achou a coisa mais linda do mundo.

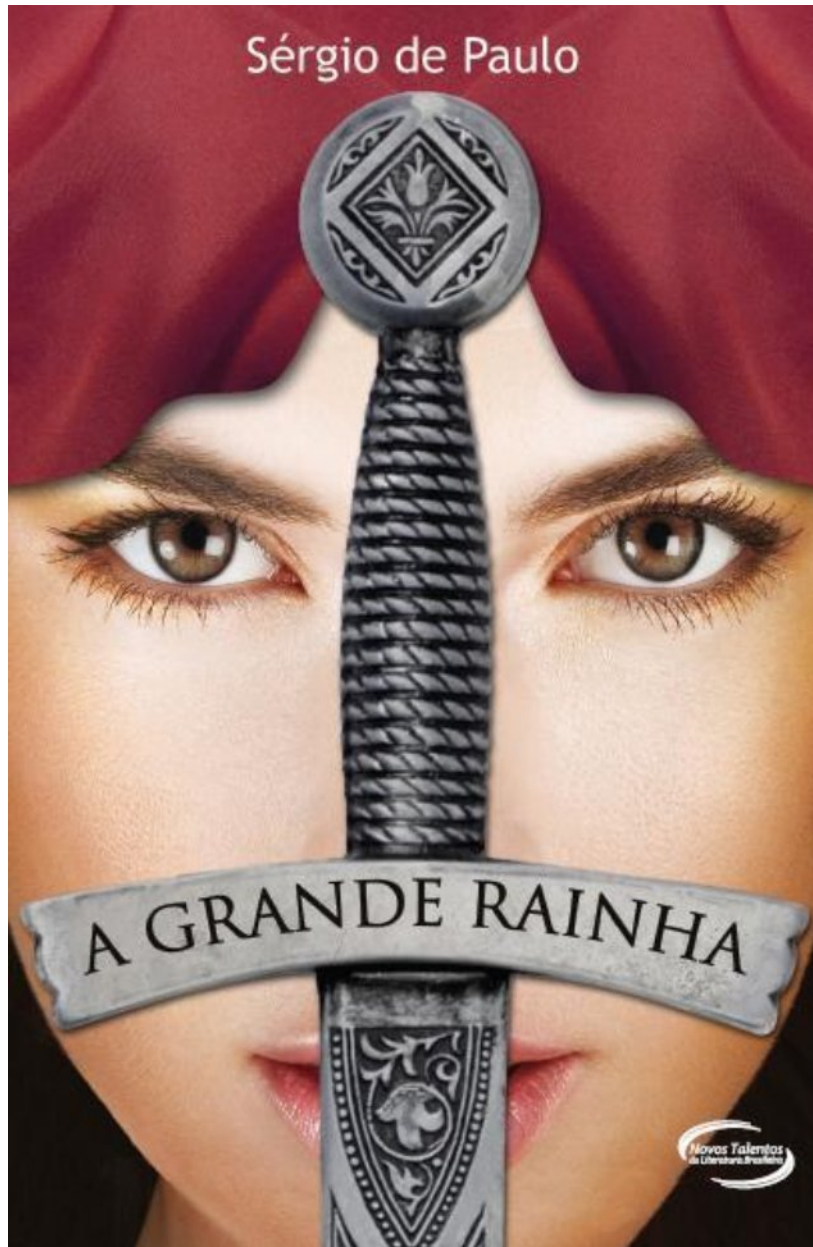
E, então, assim como Meissa, ele pressentiu que estava sendo olhado. Olhado por alguém que o amava. Então, também contra todas as expectativas, ele sorriu para Irvine. E não foi um sorriso qualquer.

Ele sorriu com amor no coração.

#####

www.mitraxsaga.com

Já nas melhores livrarias,
o primeiro livro da Saga de Mitrax:



A Grande Rainha